AMOR EM JOGO

Simone Elkeles

Tradução
Santiago Nazarian

GLOBOLIVROS

Copyright © 2014 by Simone Elkeles
Copyright da tradução © 2014 Editora Globo S/A

Título original: *Wild Cards*

Publicado originalmente em inglês, nos Estados Unidos, em outubro de 2013, por Walker Books for Young Readers, um selo pertencente à Bloomsbury Publishing, Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Editor responsável Eugenia Ribas-Vieira
Editor assistente Lucas de Sena Lima
Edição de arte Adriana Bertolla Silveira
Diagramação Diego de Souza Lima
Tradução Santiago Nazarian
Preparação Celeste Varella
Revisão Silvia Massimini Felix
Capa Agência Sonora em conjunto com Adriana Bertolla Silveira

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Elkeles, Simone
E42a Amor em jogo / Simone Elkeles; tradução Santiago Nazarian. - 1. ed. - São Paulo: Globo, 2014.
il.

Tradução de: Wild cards
ISBN 978-85-250-5754-9

1. Ficção americana. I. Nazarian, Santiago. II. Título.

CDD: 813
14-12861 CDU: 821.111(73)-3

1ª edição, 2014

Editora Globo S.A.
Av. Jaguaré, 1.485 – Jaguaré
São Paulo – SP – 05346-902 – Brasil
www.globolivros.com.br

Para minha fã número 1, Amber Moosvi.

Sua força me inspira.
Sua coragem me inspira.
Você me inspira.

Nunca vou esquecer as duas palavras que você me ensinou
quando a vi passar pela quimio aos dezesseis anos de idade
e encarar a maior batalha da sua vida.
NUNCA DESISTA!

capítulo 1
DEREK

Ser pego não fazia parte do plano inicial. Pregar uma peça tão épica que seria comentada por décadas, sim. Estou de pé com cinco dos meus amigos na sala do diretor Crowe ouvindo-o surtar há uma hora porque nossa pegadinha mais recente envergonhou não apenas a ele, mas também os fiduciários e professores desse "prestigioso colégio interno".

— Alguém quer confessar? — Crowe pergunta.

Jack e Sam estão apavorados. David, Jason e Rich estão tentando segurar a risada. Fui chamado à sala do diretor mais do que algumas vezes desde que fui transferido pra cá, então não é nenhuma novidade para mim.

Durante a semana de provas finais na Academia Preparatória Regents, na Califórnia, os veteranos passam um trote nos calouros. É uma tradição. Este ano, os veteranos conseguiram colocar tintura azul nos nossos chuveiros e tirar as lâmpadas das áreas comuns dos nossos dormitórios. Era justo que déssemos o troco, mas numa escala maior. Os veteranos estavam esperando que atacássemos seus dormitórios, e dava

para ver que eles estavam tensos durante a semana. Eles estavam vigiando o tempo inteiro, prontos para defender seu território.

Meu colega de quarto, Jack, veio com a brilhante ideia de engordurar três porquinhos filhotes da fazenda do tio dele e deixá-los correr soltos no dormitório dos veteranos. Sam disse que deveríamos deixar os porcos correrem soltos durante a formatura. Admito que foi minha a ideia de dar número aos porcos... 1, 3 e 4. Foi preciso seis de nós para dar conta. A música da procissão foi a deixa para soltar os porcos.

Também achei que a gente ia se safar dessa, até que nós todos fomos chamados ao escritório de Crowe, há uma hora.

A assistente de Crowe, Martha, enfia a cabeça na sala:

— Sr. Crowe, o número dois ainda não foi encontrado.

O diretor grunhe frustrado. Se Crowe não fosse tão pentelho, eu lhe diria que encerrasse a busca porque não há porco número dois, isso é parte da piada. Mas ele é o tipo de cara que não dá a mínima para os alunos. Crowe só quer se certificar de que todo mundo saiba que ele tem o poder de dar notificações e de demitir professores quando quiser. Já o vi abusando desse poder mais de uma vez nesse último ano.

— Eu fiz isso. — digo, exagerando meu sotaque do Texas porque sei que Crowe torce o nariz com a ideia de um caipira frequentar sua preciosa escolinha. Mais de uma vez ele me chamou a atenção por dizer "pra modeocê". Reconheço que fiz isso só *pra mode* irritar o cara.

Crowe fica parado na minha frente:

— Qual dos seus coleguinhas aqui te ajudou?

— Nenhum deles, *sinhô*. Fiz tudo sozinho.

Ele balança o dedo para mim:

— Quando seu pai souber disso, certamente ficará decepcionado com você, Derek.

Minha espinha endurece. Meu pai, também conhecido como comandante Steven Fitzpatrick, está fazendo outra turnê da Marinha. Está num submarino pelos próximos seis meses, completamente separado do resto do mundo. Eu me pergunto rapidamente como minha nova madrasta, Brandi, está se virando agora que meu pai está em serviço. Nosso esquema é perfeito. Vivo aqui até me formar, e a nova esposa do meu pai vive na nossa casa alugada perto da base naval com o filho de cinco anos que ela teve com algum ex-namorado. As notícias da minha armação com o porco não devem chegar até meu pai. E se Crowe acha que vou decepcionar Brandi, isso me faz rir.

Crowe abaixa seus ombros e me dá um dos seus treinados olhares de reprimenda que o fazem parecer um ogro com anabolizantes:

— Você espera que eu acredite que você *roubou* uma das vans da nossa escola e transportou *quatro* porcos para a cerimônia da formatura, os besuntou e os soltou, tudo isso sozinho?

Lanço um olhar para meus amigos, e faço sinal para que eles mantenham suas bocas fechadas quando percebo que estão prestes a confessar. Não tem sentido nós todos nos encrencarmos apenas porque Crowe não tem senso de humor.

Faço que sim:

— Agi sozinho, senhor. Mas, tecnicamente, não roubei a van. Peguei emprestada. — Havia três porcos e foi necessário nós seis para conseguir pegá-los, mas vou guardar essa informação comigo. Espero que ele me castigue com uma detenção e ordene que eu limpe o chão, ou os banheiros, ou algo humilhante. O que seja. Uma detenção durante o verão vai ser água com açúcar, já que menos de vinte por cento do povo da escola fica no campus.

— O resto de vocês, cavalheiros, está dispensado — Crowe declara.

Ele se senta numa grande cadeira de couro e pega o telefone enquanto meus amigos saem em fila.

— Martha, chame a sra. Fitzpatrick e informe que seu enteado foi expulso.

Espere! *O quê?*

— Expulso? — praticamente engasgo com a palavra. E por que não um aviso simplesmente, ou detenção ou suspensão? — Tudo não passou de uma pegadinha inofensiva.

Ele desliga cuidadosamente o telefone.

— Expulso. Ações têm consequências, sr. Fitzpatrick. Apesar dos inúmeros avisos sobre cola, uso de drogas e pegadinhas, você novamente desobedeceu às nossas regras e se mostrou indigno de ser um aluno da Academia Preparatória Regents. Obviamente, isso também significa que você não será convidado para se juntar novamente a nós para seu ano final.

Não me mexo nem digo nada. Isso não está acontecendo. Posso contar uma dúzia de outros alunos que foram pegos fazendo pegadinhas e escaparam sem nada mais do que um aviso. Eu acidentalmente deixei minhas anotações no chão durante uma prova e o sr. Rappaport declarou que eu estava colando. E essa acusação de drogas... tá, eu fui a uma festa com uns amigos e voltei para casa chapado. Não tive a intenção de vomitar na estátua do fundador da Regents, depois que descobri que alguém colocou XTC na minha bebida, e, certamente, não fui eu quem postei fotos minhas vomitando no site da escola. Um certo veterano do conselho estudantil foi responsável por isso, apesar de ele nunca ter sido pego, porque ninguém acusaria um cara cujo pai doa uma porrada de dinheiro para a escola todo ano.

— Como você já terminou suas provas finais, vou ser tolerante e permitir que receba crédito total pelo seu ano de calouro. Como uma cortesia a seu pai, também vou conceder a você quarenta e oito horas para remover seus pertences do campus.

Ele começa a escrever num pedaço de papel, então levanta o olhar para mim quando percebe que não estou me movendo.

— Isso é tudo, sr. Fitzpatrick.

Supertolerante.

Caminho para o dormitório dos calouros enquanto encaro o absurdo da minha situação. Estou sendo chutado da Regents e tenho que voltar para a casa da minha madrasta, que vive no seu próprio mundo sem noção. Isso é uma idiotice.

Meu colega de quarto, Jack, está sentado no canto da cama, balançando a cabeça.

— Ouvi dizer que o Crowe te expulsou.

— É.

— Talvez se todos nós voltarmos lá e contarmos a verdade, ele irá repensar...

— Se seu pai descobrir, ele vai tornar sua vida um inferno. Os outros estão no mesmo barco.

— Você não deveria receber o castigo por isso sozinho, Derek.

— Desencana. O Crowe já estava de olho em mim. Isso só foi a desculpa que ele precisava para me dar um chute.

Meia hora depois, Brandi liga. Minha madrasta recebeu a notícia de Crowe e vai dirigir três horas de San Diego para a Regents amanhã. Ela não grita ou faz um sermão, ou age como se fosse minha mãe. Em vez disso, diz que vai tentar convencer Crowe a mudar de ideia quanto a me expulsar,

como se fosse funcionar. Duvido que Brandi foi membro da equipe de debates da sua escola. Não tenho muita fé no seu talento de persuasão. Para ser honesto, não tenho nem certeza de que ela se formou na escola.

De manhã, ainda estou pensando que diabos vou fazer quando a segurança do campus bate à minha porta. Eles têm ordens específicas para me acompanhar imediatamente até o escritório do diretor.

Enquanto ando pelo quadrilátero com a segurança do campus ao meu lado, reparo bem nos cochichos dos alunos pelos quais passo. Não é frequente alguém ser expulso. Subo as escadas de acesso ao escritório da frente, onde fotos de antigos alunos que se tornaram famosos atletas, astronautas, políticos e gurus dos negócios são mostradas orgulhosamente na *parede da fama*. Se isso fosse há dois anos, poderia até imaginar minha própria foto lá. Agora não mais.

Quando a porta se abre no escritório de Crowe, meus olhos focalizam uma mulher sentada na sua mesa. É Brandi, a esposa do meu pai há oito meses. Ela é catorze anos mais nova que ele (o que significa que ela tem vinte e cinco, apenas oito anos mais velha que eu). Seus sapatos de salto alto laranja combinam com seus brincos laranja, grandes demais, pendurados até o ombro. Seu vestido parece duas vezes maior, o que definitivamente não combina com ela. Sempre a vi usando trajes justinhos e curtinhos como se ela estivesse indo para a balada. Parece deslocada nesse escritório cheio de mogno e de couro negro.

Brandi me olha quando eu entro, depois volta sua atenção para Crowe:

— Então quais são nossas opções? — ela pergunta enquanto remexe seu brinco.

Crowe fecha a pasta na mesa:

— Sinto muito, mas não vejo opções. Crimes *atrozes* envolvendo animais não são tolerados na Regents, sra. Fitzpatrick. Seu filho...

— Enteado — eu o corrijo.

Crowe me olha com nojo:

— Seu *enteado* finalmente passou dos limites. Primeiro, fico sabendo que ele largou todas as atividades extracurriculares. Em seguida, ouvi rumores que ele frequenta festas com álcool e drogas, além de colar nas provas e vandalizar propriedade da escola com vômito. Agora esse trote com animais vivos de fazenda. Temos sido pacientes com Derek e somos solidários nos desafios que ele encarou nos últimos anos, mas isso não é desculpa para comportamento delinquente. Temos o dever, na Academia Preparatória Regents, de transformar nossos jovens alunos em cidadãos produtivos e futuros líderes que sejam responsáveis pela sua comunidade e pelo meio ambiente. Derek obviamente não deseja mais ser parte dessa orgulhosa tradição.

Reviro os olhos, e Brandi pergunta:

— O senhor não pode apenas lhe passar um serviço comunitário, ou pedir que ele escreva algum tipo de carta de desculpa ou troço assim? — Seus braceletes chacoalham quando ela bate as unhas pintadas em cores vivas na sua bolsinha.

— Temo que não, sra. Fitzpatrick, Derek não me deixou escolha a não ser expulsá-lo.

— Ao expulsá-lo, você quer dizer talvez que ele não pode voltar para o último ano? — Um raio de sol brilha na aliança dela, um lembrete em flagrante de que ela está casada com meu pai.

— Correto. Minhas mãos estão amarradas — diz Crowe a ela, o que é uma mentira deslavada. Ele faz as regras e as muda de uma hora para outra de acordo com suas necessidades, então para que me importar?

— A decisão foi dada — Crowe continua. — Se você quiser apelar ao conselho, cuja maioria testemunhou o desastre ontem, na cerimônia de formatura, está livre para preencher a papelada apropriada, embora, já alerto, o processo de apelo seja longo, e um desfecho positivo é improvável. Agora, se me dá licença, nós ainda não localizamos um dos animais que seu enteado soltou, e tenho que fazer um relatório bem extenso dos danos.

Brandi abre a boca num último esforço para convencê-lo, mas a fecha novamente com um suspiro quando ele balança o pulso. Crowe faz sinal para que deixemos sua sala.

Brandi me segue até meu dormitório, seus saltos estalando na calçada. *Clic, clic, clic, clic,* não notei no escritório, mas ela definitivamente ganhou uns quilinhos desde que a vi pela última vez. Ela não se importa que todo mundo esteja olhando para ela e seu traje ridículo e seu cabelão loiro e seus apliques longos demais? Conhecendo-a, ela provavelmente nem tenha noção do impacto que está causando.

Meu pai me pediu que sentasse antes de anunciar que eles estavam se casando, e disse que Brandi o fazia feliz. Foi a única razão pela qual eu não a reprovei completamente.

— Talvez — Brandi diz com seu tom animado ecoando pelo quarto — isso tenha sido melhor.

— Melhor? — dou uma risada curta quando paro e me viro para ela. — O que há de *melhor* nisso?

— Decidi voltar para Chicago para morar com minha família — ela diz. — Já que seu pai se foi por seis meses, imagino

que seja o melhor para o Julian. Ele vai começar o jardim da infância no outono, sabe? — Brandi me dá um grande sorriso.

Acho que ela espera que eu saltite batendo palmas de empolgação com sua grande notícia de mudança. Ou sorria com ela. Nada disso vai acontecer.

— Brandi, não vou me mudar para Chicago.

— Não seja tolinho, você vai *amar* Chicago, Derek. Eles têm neve no inverno e, no outono, as folhas têm as cores *mais iradas*...

— Olha — digo, interrompendo o discursinho dela de que Chicago é isso e aquilo. — Não quero ofender, mas a gente nem é família. Vocês podem se mudar para Chicago, que eu fico em San Diego.

— É... Quanto a isso... — ela morde o lábio inferior. — Cancelei o aluguel. Outra família está se mudando para a casa na próxima semana. Ia te contar, mas sabia que você estava em provas finais, e como você já tinha planejado ficar no campus o verão todo, não achei que fosse uma urgência.

Um sentimento de medo se estabelece no meu estômago:

— Você está dizendo, tipo, que *eu não tenho onde morar*?

Ela sorri novamente:

— Claro que tem. Em Chicago, comigo e com o Julian.

— Brandi, deixa disso. Você não acha sinceramente que eu quero me mudar para Chicago no meu último ano? — As pessoas se mudam de Chicago para a Califórnia, não o contrário.

— Prometo que você vai amar Chicago — diz empolgada.

Não, não vou não. Infelizmente, não há ninguém com quem eu possa ficar na Califórnia. Os pais do meu pai estão mortos e fiquei sabendo que o pai da minha mãe morreu há um tempinho. A mãe da minha mãe... bom, vamos dizer que

ela mora no Texas e deixar por isso mesmo. Sem chance nenhuma de eu morar com ela.

— Não tenho escolha, tenho?

— Na verdade, não — Brandi dá de ombros. — Seu pai me deixou responsável por você. Se você não pode morar na Regents, vai ter que ficar comigo... em Chicago.

Se ela mencionar a palavra *Chicago* mais uma vez, acho que minha cabeça poderá explodir. Isso não está acontecendo. Espero que eu esteja tendo algum tipo de pesadelo realista e acorde a qualquer minuto.

— Há mais uma coisinha que não te contei — Brandi diz como se estivesse falando com uma criança.

Coço minha nuca, onde está começando a se formar um nó.

— O que foi?

Ela coloca a mão sobre a barriga e diz numa voz aguda e empolgada:

— Estou grávida.

Puta que pariu.

Não pode ser.

Quero dizer, é fisicamente possível, mas... o nó na minha nuca está latejando a toda agora, ameaçando explodir minha pele. Com certeza isso é um pesadelo.

Quero que Brandi me diga que é uma brincadeira, mas ela não diz. Já é ruim o suficiente que meu pai tinha se casado com uma periguete. Esperava que ele percebesse há tempos que casar com ela era um erro, mas agora... um bebê sela permanentemente o acordo.

Vou vomitar.

— Queria manter segredo até você vir para casa no feriado da Independência — ela explica toda empolgadinha. — Surpresa! Seu pai e eu estamos esperando um bebê, Derek.

Acho que você ser expulso é um sinal de que devemos todos ficar juntos em *Chicago*. Como uma *família*.

Ela está errada. Ser expulso é um sinal, tá certo. Mas não de que devemos ficar juntos em *Chicago*... é um sinal de que minha vida está prestes a desmoronar.

capítulo 2
ASHTYN

Sou a única menina do time de futebol americano da Fremont High desde o primeiro ano, então não é grande coisa quando o técnico Dieter grita um aviso aos caras para se certificar de que eles estão vestidinhos, quando entro no vestiário dos meninos para a primeira reunião de futebol do verão. O treinador bate nas minhas costas quando passo, assim como ele faz com os caras.

— Está pronta para o último ano, Parker? — ele pergunta.

— É o primeiro dia das férias de verão, treinador — respondo —, deixe-me aproveitar.

— Não aproveite demais. Trabalhe duro este verão na prática e naquele campo de futebol americano no Texas, porque espero uma temporada vitoriosa quando o outono chegar.

— Vamos enfrentar o Estadual pela primeira vez em quatro anos, treinador! — um dos meus colegas grita. Suas palavras são recebidas com gritinhos entusiasmados do resto do time, incluindo eu. Quase chegamos ao Estadual na semana passada, mas perdemos na prorrogação.

— Tá, tá, tudo bem. Não se precipitem — Dieter diz. — Vamos voltar para os negócios primeiro. É a época do ano de votar em quem você considera o jogador que mais merece liderar essa equipe. Pensem no jogador cujo talento, esforço e dedicação ao time são inegáveis. O jogador que receber mais votos será escolhido como capitão da próxima temporada.

Ser eleito capitão é uma grande coisa na minha escola. Há um bando de clubes e de times de esportes, mas apenas um conta: o futebol americano. Olho orgulhosamente meu namorado, Landon McKnight. Ele será candidato a capitão. É o primeiro *quarterback*[1] do time e esperam que ele nos lidere no campeonato estadual de Illinois. Seu pai foi da Liga Nacional, e Landon está preparado para seguir seus passos. Não foram poucas vezes na última temporada que o pai de Landon até trouxe olheiros da faculdade para ver seu filho. Com seu talento e seus contatos, não há dúvida de que ele vai conseguir uma bolsa para jogar na faculdade.

Começamos a namorar no início da última temporada, pouco depois de o treinador Dieter me mudar para primeira *kicker*.[2] Aperfeiçoei a técnica no verão, antes do meu ano de caloura, e valeu a pena. Os caras do time me viam praticar, apostando em quantos gols de campos eu faria numa rodada.

Eu costumava ter receio de ser a única menina no time. No primeiro ano fiquei no fundo, esperando me integrar. Os caras faziam perguntas que me intimidavam, mas eu ria deles e respondia na lata. Nunca esperei consideração especial e

1. N.E. *Quarterback* é uma posição do futebol americano. Jogadores nessa posição são membros da equipe ofensiva do time.

2. N.E. *Kicker* é uma das posições mais fundamentais do futebol americano. Responsável pelo chute de longa distância para marcar o gol — *field goal*.

lutei para ser tratada como qualquer outra colega de time que por acaso era menina.

Dieter, usando sua calça cáqui de marca registrada e camisa polo com Rebeldes Fremont bordada, me entrega uma cédula. Landon acena para mim. Todo mundo sabe que estamos namorando, mas mantemos o relacionamento discreto durante os treinos. Escrevo o nome de Landon na cédula, então a entrego. Dieter segue para nossa brutal agenda de treinos enquanto os treinadores assistentes contam os votos.

— Não se ganha jogos com a bunda na cadeira — Dieter diz durante seu sermão. — Além do mais, esperamos atrair mais olheiros da faculdade este ano. Sei que vários de vocês gostariam de jogar na faculdade. Veteranos, este é o ano de vocês se exibirem.

Dieter não diz o óbvio, que os olheiros estão vindo para ver Landon, mas todos nos beneficiamos com a presença deles.

Seria incrível jogar na faculdade, mas não tenho ilusões de pensar que olheiros vão bater à minha porta. Só algumas garotas foram escolhidas para jogar nos times universitários, e quase todas entraram sem bolsa. Exceto por Katie Callhoun. Ela foi a primeira mulher a conseguir uma bolsa de futebol americano da primeira divisão. Eu faria qualquer coisa para ser como Katie.

Assisto futebol com meu pai desde que me entendo por gente. Mesmo quando minha mãe foi embora e abriu mão de ser mãe, nós ainda assistíamos aos Bears juntos. Ele foi um *kicker* para a Fremont High há quarenta anos, o primeiro e último time da nossa escola a ganhar o campeonato estadual. O banner solitário do campeonato está pendurado na parede do ginásio.

Acho que ter ido para o futebol americano dos calouros foi uma forma de eu tentar me conectar com meu pai... Talvez, se ele me visse chutar gols o bastante, ele ficasse impressionado.

No ano de calouro, esperei que meu pai viesse assistir aos jogos e me animar. Ele nunca fez isso, ainda não fez, e vou ser uma veterana no outono. Minha mãe também nunca me viu jogar. Acho que ela está morando em algum apartamentão em Nova York, mas não tenho notícias dela há quase um ano. Um dia vou mostrar aos meus pais o que eles estão perdendo, porque é um saco sentir que sua família nem se importa se você existe.

Sorte que eu tenho Landon.

Conforme Dieter segue com seu grande e sermão, um dos treinadores assistentes passa a ele o resultado dos votos. Ele lê o papel silenciosamente, aprovando, então escreve na lousa:

Capitã Ashtyn Parker.

Espere... o quê?

Não. Li errado.

Pisco algumas vezes enquanto sinto, nas minhas costas, batidinhas dos meus colegas.

Meu nome está escrito claramente, não há dúvida disso.

Jet Thacker, nosso grande *wide receiver*[3], dá um viva:

— É isso aí, Parker!

Os outros caras começam a gritar meu nome:

— Parker! Parker! Parker!

Lanço um olhar para Landon. Ele está olhando para a lousa. Quero que ele olhe para mim, me dê os parabéns ou me faça sentir que está tudo bem.

Não está. Sei que ele está arrasado. Estou também. Sinto que a terra acabou de girar no eixo.

Dieter apita:

3. N.E. *Wide receiver* também é uma posição ofensiva do futebol americano. O jogador tem função de penetrar o campo do adversário para receber o passe do *quarterback* e correr com a bola o maior número possível de jardas.

— Parker, me encontre na minha sala. O resto de vocês está dispensado.

— Parabéns, Ash — Landon murmura, quase sem parar, quando passa por mim na saída. Quero puxá-lo de volta e dizer-lhe que não tenho ideia de como isso aconteceu, mas ele vai embora antes de eu ter uma chance.

Sigo para a sala de Dieter.

— Parabéns, Parker — ele diz enquanto me joga um emblema com a letra C, para eu costurar na minha jaqueta. Outro vai ser costurado no meu uniforme de jogo.

— A partir de agosto você vai ter reuniões semanais comigo e com a equipe de treinamento. Vai ter que manter sua média acima de 3.0 e continuar a liderar essa equipe no campo e fora dele. — Ele fala um pouco mais sobre minhas responsabilidades e termina com: — O time está contando com você. E eu também.

— Treinador — digo, passando os dedos sobre meu bordado liso no emblema. Eu o coloco na mesa e me afasto. — Landon merece ser capitão, não eu. Vou sair dessa e deixar que ele tome meu...

Dieter levanta uma mão:

— Pare aí, Parker. *Você* foi eleita capitã, não o McKnight. Você teve mais votos do que qualquer outro jogador. Não respeito jogadores que desistem quando pedem que eles tomem a frente dos seus pares. Vai amarelar?

— Não, senhor.

Ele joga o emblema de volta para mim:

— Então saia daqui.

Concordo, então saio do escritório. De volta ao vestiário, eu me encosto num armário e olho o emblema com o grande C de *Capitão*. Respiro fundo enquanto assimilo a realidade.

Fui eleita capitã do time de futebol. Eu, Ashtyn Parker. Sinto-me honrada e grata aos meus colegas de equipe que votaram em mim, mas ainda estou em choque.

Lá fora, espero que Landon esteja ao lado do meu carro. Em vez disso, Victor Salazar e Jet Thacker estão conversando na frente do meu velho Dodge detonado que precisa de uma nova pintura... e um novo motor, por sinal.

Victor, nosso *middle linebacker*[4], que conseguiu parar mais *quarterbacks* do que qualquer outro, todos no estado de Illinois, não fala muito. Seu pai praticamente é dono da cidade, e Vic espera fazer tudo o que ele ordene. Por trás das costas do pai, Vic é impulsivo e ousado. É como se ele não se importasse em viver ou morrer, motivo pelo qual é tão perigoso no campo.

Jet coloca um braço no meu ombro.

— Você sabe que a Fairfield vai fazer a festa quando descobrirem que seu rival está prestes a ter uma capitã menina. Aqueles filhos da puta tacaram ovo na casa de Chad Young no dia em que ele foi votado capitão no ano passado, então retaliamos e enchemos de fita adesiva a casa do capitão. Fique de olho, Parker. Quando a notícia se espalhar, você vai ser um alvo.

— Eu te cubro — Vic diz numa voz grosseira. Ele fala sério.

— Nós todos — Jet diz. — Lembre-se disso.

Alvo? Estou convencida de que posso lidar com ser um alvo. Sou forte, valente, e ninguém vai me amendrontar.

Eu não desisto.

Sou a capitã do time de futebol americano da Fremont High!

4. N.E. *Middle linebacker* é uma posição de defesa do futebol americano.